

# *Estratégias para a Obtenção de Respostas nos Inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste*

Vanessa YIDA\*

Myriam Rossi Sleiman GHOLMIE\*\*

Celciane Alves VASCONCELOS\*\*\*

\* Mestre (2011) e doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista Fundação Araucária. Contato: vanessayida@yahoo.com.br.

\*\* Mestranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina. Bolsista CAPES. Contato: myriamgholmie@gmail.com.

\*\*\* Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2013). Docente na Universidade Estadual de Londrina. Contato: celciane@yahoo.com.br.

## **Resumo:**

Alicerçado nos preceitos teórico-metodológicos da Dialetologia e da Sociolinguística, o presente artigo tem o intento de descrever estratégias utilizadas pelos inquiridores do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na reformulação da questão 054 do Questionário Fonético-Fonológico (QFF) – com vistas à obtenção da resposta *aftosa* –, em entrevistas realizadas nas capitais das Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Para tanto, rememoramos o percurso histórico da Geolinguística e do Projeto ALiB, refletimos a respeito dos passos da pesquisa geolinguística com enfoque na postura do inquiridor, comentamos sobre a relevância do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado entre informante e inquiridor para o êxito de trabalhos dessa natureza e, finalmente, analisamos as estratégias do inquiridor para a consecução da resposta correspondente à aludida questão, tecendo breves comentários acerca da formação socioeconômica das mencionadas regiões do País. O *corpus* deste estudo é constituído pelas entrevistas extraídas dos inquéritos do Projeto ALiB, as quais revelam que *aftosa*, por se tratar de uma variante ligada à vida do campo, foi registrada com maior facilidade pelos falantes da Região Centro-Oeste, ao passo que, no Sudeste, há maior incidência de reformulação da questão, provavelmente porque o vocábulo pertence a uma realidade mais distante desses informantes.

## **Palavras-chave:**

Reformulação de questão. Estratégias do inquiridor. Atlas Linguístico do Brasil.

*Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 21, n. 1, p. 32-54, abr. 2018*

*Recebido em: 02/08/2017*

*Aceito em: 09/01/2018*

# Estratégias para a Obtenção de Respostas nos Inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste

---

Vanessa Yida; Myriam Rossi Sleiman Gholmie; Celciane Alves Vasconcelos

## APONTAMENTOS INICIAIS

Ao emprestarmos a metáfora magistralmente elaborada por Silva Neto (1960), podemos definir a atuação dos Atlas Linguísticos como instantâneos fotográficos que desvelam a pancronicidade dos fenômenos linguísticos tal qual relógios soando a diacronia, ao mesmo tempo em que suas badaladas retumbam a sincronia de uma língua histórica, revelando, assim, diassistemas (conjunto de sistemas e subsistemas) dentro da mesma língua (BRANDÃO, 1991).

Seguindo esse viés de estudo, o método dialetológico, por meio da Geolinguística, pressupõe um registro – em mapas – de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais), obtidas a partir de entrevistas diretas em uma rede de pontos delimitada, demonstrando visualmente a distribuição das variantes em espaços geográficos e permitindo a intercomparação dessas diversas formas (COSERIU, 1987).

A despeito disso, anteriormente ao resultado final, por meio das cartas linguísticas publicadas em atlas linguísticos, observam-se áreas onde é possível delinear isoglossas, linhas virtuais que demarcam diferenças ou semelhanças entre falares. Estas, por sua vez, caracterizam-se, quanto à natureza do fenômeno linguístico em pauta, em isófonas, isoléxicas, isomórficas ou sintáticas, conforme apontam Ferreira e Cardoso (1994).

De acordo com Tarallo (1999, p. 71), “O atlas lingüístico de uma comunidade pode, por exemplo, fornecer dados valiosíssimos para o estudo da variação fonológica, ou mesmo lexical”, atuando como “inventários de formas”, tanto inovadoras quanto conservadoras, e atestando a vitalidade da língua. A variação, pois, é inerente à língua: toda mudança linguística pressupõe variação, mas nem tudo o que varia sofre mudança (TARALLO, 1999, p. 63).

No empreendimento de um estudo geolinguístico, são indispensáveis determinadas ações que visam a validar os procedimentos metodológicos, como a seleção de pontos de inquéritos, o estabelecimento de técnicas de recolha, os processos de transcrição, o levantamento e a tabulação de dados, a descrição (por meio da cartografiação, por exemplo) e a análise dos fatos linguísticos.

Os referidos métodos e etapas devem estar claramente definidos e descritos para legitimar a execução da pesquisa. No processo de recolha de dados *in loco*, os pesquisadores devem se antecipar quanto a variados percalços, traçando em um *checklist* os materiais a serem levados a campo, tais como: gravadores, questionários, gravuras ou fotos dos referentes (cujas denominações não devem dar margem a dúvidas), *realia* (apresentação do próprio objeto), dentre outros.

Por meio do contato com o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e a partir das explicações dadas pela Coordenadora da Regional Paraná, Vanderci de Andrade Aguilera, pudemos refletir sobre essas etapas no processo da pesquisa geolinguística. Chamou-nos a atenção o fato de que existem poucos trabalhos a respeito de técnicas para reformulação de perguntas visando à obtenção das respostas, principalmente em relação ao Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Por ser constituído de questões dirigidas, o QFF pede respostas precisas e diretas referentes a palavras específicas, aptas a propiciar estudos comparativos de fenômenos fonéticos-fonológicos verificados na pronúncia.

A partir de um estudo que quantificou as questões do QFF com maior número de não respostas nas 25 capitais brasileiras (AGUILERA; YIDA, 2008), a questão número 054 (*aftosa*) foi selecionada em razão do expressivo número de abstenções. De fato, analisando transcrições e revisões das entrevistas, constatamos a dificuldade em registrar a aludida variante, o que nos levou a crer que haveria um grande número de reformulações da pergunta pelos inquiridores.

A justificativa para a escolha do *corpus*, formado especificamente pelos inquéritos realizados em capitais das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, baseou-se nas peculiaridades socioeconômicas dessas localidades, as quais poderiam ensejar maior ou menor facilidade na obtenção da resposta esperada pelo inquiridor: de um lado, a formação de base mais rural do Centro-Oeste; de outro, a urbanização intensa e o caráter cosmopolita do Sudeste.

Isso porque é inegável a vinculação da forma pela qual a sociedade lida com a linguagem e o suporte econômico das localidades (DIÉGUES JR, 1980), assim como em relação às experiências pessoais e o conhecimento de mundo do falante. Afinal de contas, regiões de base econômica pastoril refletem em sua fala denominações ligadas à área semântica rural.

Por conseguinte, neste estudo objetivamos descrever as estratégias empregadas pelos inquiridores na reformulação da questão 054 do QFF em entrevistas realizadas nas capitais das Regiões Centro-Oeste e Sudeste. Somam-se, ainda, a esse objetivo geral: i) a quantificação das entrevistas que apresentaram reformulação de perguntas; ii) a análise das estratégias empregadas pelo inquiridor para a reformulação das perguntas; iii) a pesquisa sobre a vinculação da realidade socioeconômica à obtenção ou não das respostas.

Desse modo, pretendemos compartilhar com iniciantes à pesquisa e com pesquisadores experientes um *modus faciendi* geolinguístico, já que os trabalhos científicos devem contribuir para novos patamares investigativos, indicando caminhos, acertos e erros, conforme reforçam Aguilera, Amâncio e Paes (2003).

Para tanto, descrevemos a seguir os procedimentos metodológicos empregados; elaboramos um breve percurso histórico da geolinguística e do Projeto ALiB; discorremos a respeito dos passos da empreitada geolinguística com enfoque no posicionamento do inquiridor; arrolamos pesquisas dessa natureza a respeito da importância do conhecimento de mundo e conhecimento partilhado entre informante e inquiridor; e, por fim, analisamos as estratégias do inquiridor para a obtenção da resposta à questão 054 (*aftosa*), situando sucintamente a formação socioeconômica das Regiões Centro-Oeste e Sudeste.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* da presente pesquisa é formado por trechos das entrevistas extraídas dos inquéritos do Projeto ALiB – referentes à questão 54 do QFF –, cuja coleta é efetivada *in loco*, seguindo a metodologia da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 1998) e agregando a Dialectologia tradicional à Sociolinguística. As entrevistas, transcrições e revisões foram realizadas pelas equipes do Projeto ALiB.

A formulação inicial da referida questão, segundo consta do Questionário do Projeto (COMITÊ NACIONAL DO ALiB, 2001), é a seguinte: “... *uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa doença?*” e tem por escopo verificar se há o registro do processo fonético-fonológico denominado *suarabácti* ou *anaptixe*<sup>1</sup> – com a inserção da vogal /e/ ou /i/ na fala, resultando em *af[e]tosa* ou *af[i]tosa* –, somada ou não à aférese (queda da primeira vogal do vocábulo).

O *corpus* desta pesquisa é constituído das respostas de 56 informantes, oito por capital, distribuídos em 7 localidades: 4 capitais localizadas na Região Sudeste (Belo Horizonte, São Paulo, Vitória e Rio de Janeiro) e 3 da Região Centro-Oeste (Cuiabá, Campo Grande e Goiânia). No Quadro 1, apresentamos o perfil desses informantes.

Foram realizados o levantamento e a organização dos trechos de entrevistas por intermédio do editor de planilhas *Microsoft Office Excel*, a partir da comparação da última revisão das transcrições com as gravações dos inquéritos. Ademais, consideramos reformuladas todas as questões nas quais se adicionou um item novo, com modificação da pergunta que consta dos Questionários do ALiB (COMITÊ..., 2001).

Assim, as reformulações<sup>2</sup> da questão 054 do QFF foram descritas e organizadas em quadros por localidade e por região, a fim de possibilitar uma comparação entre as entrevistas nas duas regiões do país, em razão de suas especificidades socioeconômicas, para ser possível verificar em que medida elas podem incidir na necessidade do uso desse tipo de estratégia pelos inquiridores.

---

<sup>1</sup> Coutinho (1974, p. 147) conceitua *suarabácti* ou *anaptixe* como uma epêntese especial que consiste em desfazer um grupo de consoantes pela intercalação de uma vogal. Segundo os ensinamentos de Collischonn (2004, p. 62), muitos vocábulos originados do latim, germânico e outras línguas continham consoante em posição final de sílaba, estruturas que foram reduzidas ou eliminadas pelo português arcaico; não obstante, essas formas voltaram a fazer parte do léxico português e têm sido modificadas pelo português brasileiro, que tende a transformar sílabas fechadas em abertas. Lee (1993), por sua vez, reconhece que o *suarabácti* está presente no português brasileiro, inclusive entre as pessoas cultas, como uma forma de evitar a combinação de sons desagradáveis aos ouvidos. A propósito do assunto, ver Gholmie (2017).

**Quadro 1 – Perfil dos informantes das capitais**

<b>Informante</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Sexo</b>
01	Fundamental	I (18-30 anos)	Masculino
02	Fundamental	I (18-30 anos)	Feminino
03	Fundamental	II (50-65 anos)	Masculino
04	Fundamental	II (50-65 anos)	Feminino
05	Superior	I (18-30 anos)	Masculino
06	Superior	I (18-30 anos)	Feminino
07	Superior	II (50-65 anos)	Masculino
08	Superior	II (50-65 anos)	Feminino

Fonte: As próprias autoras, com dados do Projeto ALiB.

## **PERCURSO HISTÓRICO DA GEOLINGUÍSTICA E DO PROJETO ALiB**

A partir da difusão dos pensamentos saussurianos, a linguística ganhou *status* de ciência autônoma, pois não só descreve os fatos linguísticos, como também busca uma explicação coerente para a sua ocorrência. Antes de Saussure, os estudos da linguagem serviram de base para a consolidação dos estudos histórico-comparativos que se preocupavam em estabelecer semelhanças existentes entre as línguas clássicas (grego, latim, persa, sânscrito e alemão), assumindo tipicamente propósitos de gênese e de reconstrução.

Por volta de 1870, um grupo de linguistas conhecidos como “neogramáticos” chegou a outro tipo de estudo da linguagem, descobrindo mutações sonoras de acordo com o meio ambiente. Saussure, entretanto, foi mais além, pois já conseguia enxergar essa relação de mudança sonora com a arbitrariedade dos signos, considerando que essa mudança não se aplica diretamente aos próprios signos, mas aos sons ou, mais precisamente, a um único som em um meio particular.

Segundo Culler (1979), Saussure sentiu certo avanço com o trabalho do americano William Dwight Whitney, que começou a levantar questões sobre o signo: “A língua é, de fato, uma instituição, um corpo de usos predominantes numa determinada comunidade, um tesouro de palavras e formas, é um signo arbitrário e convencional” (CULLER, 1979, p. 59). Porém, para o linguista suíço, essa linha de raciocínio tem maior amplitude: “os significados existem, porque há diferenças de significado [...], ou seja, posso ter uma única forma com vários conceitos, o que vai me dar a definição precisa será o seu lugar dentro do sistema da língua” (CULLER, 1979, p. 60).

Por conseguinte, para Saussure (1969), a linguística deveria ater-se ao estudo da língua concebida como um sistema de signos e de regras, estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da linguagem. A fala, por sua vez, seria o lado individual da linguagem e consistiria na utilização que o falante faz desse sistema linguístico para se comunicar. Dessa forma, após estabelecer a dicotomia entre *langue* e *parole*, o mestre genebrino privilegiou o estudo da língua, definindo-a, pela primeira vez, como o objeto específico de estudo da linguística; quanto à fala, esta parece ter sido relegada a segundo plano.

No entanto, é importante ressaltar que, mesmo antes do final do século XIX, trabalhos de natureza dialetal já haviam sido iniciados por alguns linguistas, em especial por Ascoli, na Itália e por Schuchardt, na Áustria. Estes dois estudiosos refutavam a ideia dos neogramáticos e lutavam pelo reconhecimento dos estudos dialetológicos, porque consideravam o estudo das línguas vivas a melhor fonte para o conhecimento das línguas do passado (RODRÍGUEZ, 1998).

Devido à preocupação com os estudos dos dialetos, a pesquisa nessa área se intensificou a ponto de desenvolver uma nova metodologia, conhecida como Geografia Linguística ou Geolinguística. Em razão disso, a heterogeneidade revelada na língua por meio da fala é o foco de interesse do dialetólogo, cujos estudos se voltam às complexidades do sistema linguístico definidas pelas diferenças geográficas.

Em suma, a metodologia desenvolvida pela Geografia Linguística proporcionou um grande avanço aos estudos dos dialetos, uma vez que a materialização de cartas geográficas implica: (i) estudar *in loco* um ou mais fenômenos linguísticos; (ii) tirar conclusões sobre o caráter inovador ou conservador de determinadas áreas traçadas pelas isoglossas; (iii) registrar formas que tendem a cair em desuso e vir a desaparecer com o tempo; bem como (iv) documentar termos não dicionarizados por não constarem de textos escritos.

## **ATLAS LINGUÍSTICOS: PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS**

Segundo Ferreira et al. (1996), vários foram os atlas planejados, mas nem todos foram concluídos, e sua metodologia variou bastante, particularmente em face da experiência dos pesquisadores que os realizavam. O primeiro trabalho apoiado no método de cartografia da língua, do qual apenas um capítulo foi publicado, em 1881, surgiu na Alemanha, a partir dos estudos de Georg Wenker, e foi intitulado *Atlas Lingüístico da Alemanha Setentrional e Central*. Esse trabalho não logrou sucesso, pois o pesquisador, por ser adepto das leis fonéticas e da analogia, desconsiderou fatores importantes, como as variáveis sociais, e seu método de pesquisa limitou-se a questionários enviados por correspondência (CARDOSO, 2010).

Posteriormente, apesar de Jules Gilliéron não ter sido o precursor dos primeiros atlas linguísticos, foi graças à sua obra – *Atlas Linguistique de la France* (ALF) –, publicada em Paris entre 1902 e 1910, que a Geografia Linguística passou a ser conhecida e respeitada. De acordo com o próprio Gilliéron, ele contou apenas com o auxílio do inquiridor Edmond

Edmont, que não era linguista, mas tinha paixão pelos dialetos e ótima percepção auditiva, o que possibilitou a realização da transcrição fonética durante a aplicação do questionário (CARDOSO, 2010).

O ALF, então, por ter adotado o método de investigação científico prescrito pela geografia linguística e por conseguir lidar com a complexidade dos fenômenos linguísticos, tornou-se uma obra de referência aos estudos dialetológicos, dada a sua contribuição para o progresso da ciência da linguagem. E, aos poucos, o método dialetológico, iniciado por Gillieron, foi sendo aperfeiçoado. Outros atlas passaram a retratar peculiaridades etnográficas e variações diastráticas, enriquecendo a análise da diversidade linguística, principalmente na Europa e nas Américas, podendo ser comprovado pelas inúmeras publicações de atlas linguísticos nacionais e regionais.

### **PROJETO DO ATLAS LINGÜÍSTICOS DO BRASIL (ALiB)**

Coube a Nelson Rossi coordenar o primeiro atlas linguístico de um falar brasileiro: o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), publicado em 1963 (ROSSI; ISENSEE, FERREIRA, 1963). Após o APFB, outros trabalhos no campo da Geolinguística brasileira começam a ser publicados: *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* (EALMG), de Ribeiro et al. (1977); *Atlas Lingüístico da Paraíba* (ALPB), de Aragão e Menezes (1984); *Atlas Lingüístico do Sergipe* (ALS), de Ferreira et al. (1987); e *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR), de Aguilera (1994).

Castilho (1972-1973) destaca a importância do filólogo Serafim da Silva Neto que, durante suas aulas, cursos e reuniões científicas, insistia para que as faculdades de filosofia<sup>3</sup> preparassem dialetólogos capazes de realizar pesquisas de campo, “até que, amadurecidos os meios científicos, pudéssemos nos atirar à tarefa da elaboração do atlas nacional” (CASTILHO, 1972-1973, p. 136).

O desejo de Silva Neto começou a ser projetado durante o seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia em 1996, e contou com a iniciativa de um grupo de dialetólogos de várias regiões do Brasil. Nessa ocasião, foi criado um comitê nacional, composto inicialmente pelos autores dos cinco atlas linguísticos regionais publicados (e um em andamento): Suzana Cardoso (UFBA), Jacyra Mota (UFBA), Maria do Socorro de Aragão (UFPB), Mário Roberto Zágari (UFJF), Walter Koch (UFRGS) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL); e, mais tarde, também por: Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Abdelhak Razky (UFPA), Felício Wessling Margotti (UFSC) e Cléo Wilson Altenhofen (UFRGS).

---

<sup>2</sup> Reforçamos que, na maioria das entrevistas, além da reformulação, foram realizadas, ao final, as retomadas à questão, e que tanto na pergunta que consta no QFF quanto na retomada podem haver reformulações, desde que seja somada uma informação nova à pergunta original. Posto assim, foram analisadas as reformulações por entrevista (no QFF e na retomada).

<sup>3</sup> Leia-se, hoje, faculdade de Letras.

Desse modo nasce o ALiB, um atlas linguístico urbano, cujo objetivo geral é registrar e descrever os diversos falares brasileiros – nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e pragmático-discursivo –, e com o diferencial de adotar uma metodologia uniformizada, baseada em experiências de pesquisas geolinguísticas anteriores, e criteriosa, alicerçada na perspectiva pluridimensional (MOTA; CARDOSO, 2009).

Com relação à recolha dos dados, o ALiB utiliza questionários específicos, o que, segundo Aguilera e Figueiredo (2002, p. 10), tem “assegurado o caráter científico necessário à pesquisa e ainda torna menos complexa a obtenção do registro dos fenômenos lingüísticos que se pretende estudar”. Para Silva Neto (1957, p. 19), o questionário oferece “duas vantagens: a de se poder, metodicamente, investigar determinados grupos de designações – e auxiliar, portanto, a memória do inquiridor ou dos inquiridores – e a de ser aplicável a todo o território, conferindo, assim, a possibilidade de se comparar os materiais”.

Os questionários do Projeto ALiB foram elaborados de acordo com o objetivo da pesquisa e se estruturam da seguinte forma: Questionário Fonético-Fonológico (QFF), Questionário Semântico-Lexical (QSL), Questionário Morfossintático (QSM), além de questões de pragmática e metalinguísticas, bem como um texto para leitura.

Vale assinalar que o QFF contém 159 questões e tem como meta registrar variações na pronúncia dos itens, buscando especificamente como resposta o termo almejado pela pergunta, mesmo com variações de ordem fônica. O QSL, por seu turno, é composto por 202 questões que objetivam documentar itens lexicais mais correntes na localidade, a fim de consignar a riqueza sinonímica. Por fim, no QMS, as 49 questões têm por finalidade averiguar as variantes diatópicas e diastráticas nas construções sintáticas e morfológicas do português brasileiro.

Dentre as várias etapas tecidas pelo Projeto ALiB, registra-se que, em outubro de 2014, durante o III Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (III CIDS), sediado em Londrina, aconteceu a concretização de um sonho muito esperado: o lançamento dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (CARDOSO et al., 2014a, 2014b), publicados pela Editora da Universidade Estadual de Londrina (EDUEL).

## **PASSOS PARA A ELABORAÇÃO DE TRABALHOS GEOLINGUÍSTICOS: O POSICIONAMENTO DO INQUIRIDOR E OS QUESTIONÁRIOS LINGUÍSTICOS**

Na assunção de uma “mentalidade dialetológica” (SILVA NETO, 1957), o dialetólogo deve atentar para determinados fatores nas etapas de execução de uma pesquisa geolinguística, pois, para colocar em prática uma efetiva descrição da realidade linguística de determinada região, além da recolha e análise de dados por intermédio de uma metodologia específica, é necessário proceder a um estudo preliminar das particularidades regionais e seus segmentos sociais, direcionando a pesquisa aos objetivos que a norteiam.

Brandão (1991) elenca outros passos imprescindíveis para levar a cabo o labor geolinguístico: i) o levantamento preliminar de dados; ii) a escolha das localidades; iii) a



seleção de informantes; iv) o estabelecimento da técnica de recolha de dados; v) o inquérito e a sua aplicação; vi) o adequado arquivamento e transcrição de dados; e vii) o preparo das cartas.

Especificamente quanto à técnica de recolha de dados, Brandão (1991) reforça a necessidade de obter um material homogêneo para que os fatos linguísticos possam ser comparados. Para tanto, é necessário pesquisar a respeito das especificidades da região na fase de elaboração do questionário, bem como deve ser aplicado um questionário experimental para a seleção das perguntas mais relevantes.

Além disso, há que se aludir ao trabalho do pesquisador, que se depara com as seguintes expectativas: receptividade das comunidades a serem estudadas, adequação do questionário à realidade cultural do entrevistado, postura capaz de assegurar uma identificação do informante com o entrevistador, questões que não induzam o informante e evitem que ele imite a variedade do entrevistador.

Para isso, o documentador deve ter formação linguística, ser familiarizado com os temas do questionário, ter discutido com membros da equipe melhores formas de obter respostas, conhecer as características culturais e linguísticas do objeto de pesquisa e dominar o sistema de notação fonética. No ponto de inquérito, deverá o pesquisador estabelecer contato com membros da comunidade, selecionar informantes segundo critério preestabelecido e aplicar o questionário utilizando um gravador. Deve-se, também, adotar uma postura descontraída, para que o entrevistado se sinta à vontade.

Importa relatar que o material linguístico que serve como base de estudo da língua falada é o vernáculo: fala espontânea ou enunciação em que há o mínimo de atenção à língua. Entretanto, existe dificuldade em obter tais dados para pesquisa, tendo em vista a simulação de situações naturais em entrevistas gravadas na presença de um entrevistador, o que Labov (2008) chamou de “paradoxo do observador”.

Nas entrevistas do Projeto ALiB, os inquiridores não atuam como pesquisador-observador, mas participam diretamente da interação, propiciando a obtenção de determinadas variantes linguísticas a partir do questionário preestabelecido. Diante desse panorama, conforme assevera Tarallo (1999), o inquiridor deve minimizar os efeitos de sua presença e do gravador, assumindo um papel de “aprendiz-interessado” sobre as peculiaridades da região, evitando falar a palavra “língua”, para que o falante não modalize a fala dele e torne a pesquisa enviesada.

Sublinhamos ainda a indispensabilidade do uso de um questionário-guia para a entrevista, homogeneizando a coleta de dados. Ademais, o entrevistador deve acomodar seu comportamento social e linguístico ao do grupo entrevistado e entrar na comunidade por intermédio de pessoas que já são aceitas por ela, evitando a percepção de sua presença como “intruso”.

Outro fator elencado por Tarallo (1999) diz respeito à origem do informante que, no caso do ALiB, deve ser nascido e criado na localidade, com pais também nascidos no local ou região. Em relação à representatividade, é importante haver um significativo número

de informantes e perfis sociais (sexo, idade, escolaridade) apto a constituir um universo de amostra abrangente, de acordo com a metodologia preestabelecida.

No que concerne ao instrumento de coleta – o questionário – há que se destacar que, diante da abstenção do informante, cabe ao inquiridor reformular a questão de acordo com sua capacidade inventiva ou técnicas discutidas nas reuniões anuais do *Workshop do Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (WorkALiB) ou, ainda, entre os componentes da equipe. Diante da impossibilidade de atuação de um único entrevistador, o Comitê Nacional do Projeto ALiB decidiu pela adoção de até 30 inquiridores, os quais passam por entrevistas-teste que são avaliadas pelos diretores científicos e pelo Comitê (SILVA; AGUILERA, 2009).

De acordo com Kami e Aguilera (2002), o Comitê Nacional testou em campo, diversas vezes, cada versão dos questionários, os quais foram reformulados após discussões entre os membros e pesquisadores nos encontros das equipes. Desse modo, resultaram versões de 1998 e 2001, publicadas pela EDUEL e aplicadas por outros pesquisadores na elaboração de atlas estaduais, além de serem adaptadas como suporte para dissertações e teses sob viés geolinguístico.

Nas primeiras reuniões, o Comitê Nacional discutiu exaustivamente a metodologia adotada no processo de levantamento do *corpus*, bem como organizou o trabalho de campo com a formulação das questões e métodos para reformulação das perguntas mais difíceis de serem respondidas, sanando possíveis problemas que poderiam surgir *in loco*.

Na atualidade, é debatida a metodologia de cartografia dos dados e são ofertados cursos abordando variados estudos a partir do *corpus* do Projeto (estudo dos fraseologismos, elaboração do Dicionário Dialectal, entre outros), além de ser estimulada a produção de artigos sobre as variantes coletadas.

## O CONHECIMENTO DE MUNDO E O ÊXITO EM PESQUISAS GEOLINGUÍSTICAS

Em pesquisa realizada por Aguilera, Amâncio e Paes (2003), é ressaltada a importância dos inquéritos experimentais, realizados na fase inicial do Projeto ALiB (de 1998 a 2000). Entretanto, fatores como realidade sociocultural da localidade, vivência, experiência, crenças e tradições dos informantes resultam em algumas barreiras que se interpõem à pesquisa e são experimentadas *in loco*.

Essas pesquisadoras destacam, ainda, a influência da história social e da cultura em cada ponto linguístico investigado, dada a confluência de ambiente biossocial no universo linguístico empregado pelo falante. Especificamente na pesquisa a respeito das respostas às questões do QSL, as autoras observaram a dificuldade em obtê-las quando ligadas a referentes desconhecidos ou pouco presentes no cotidiano dos informantes<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Por exemplo: variantes para *semáforo* em localidades menos povoadas, variantes ligadas à área semântica de atividades agropastoris em regiões pouco familiarizadas com o meio rural.

No que tange às formulações de perguntas do QFF, Aguilera, Amâncio e Paes (2003) salientam a necessidade de que ocorram de maneira clara e unívoca, bem como de que o inquiridor conheça a cultura local e estructure a questão de modo a evocar no “espírito do interlocutor” a denominação em pauta, evitando parassinônimos. Mencionam, ainda, a inserção de determinado item lexical como elemento muitas vezes capaz de contribuir para a maior clareza da pergunta, concluindo que variados fatores favorecem a não resposta: polimorfismo vocabular, tabu linguístico, uso de eufemismos, arcaísmos, bem como contexto sociocultural.

De fato, Mota (2006, p. 251) frisa que, embora haja preocupação em tornar os questionários linguísticos eficientes, algumas dificuldades podem surgir no decorrer da entrevista, principalmente pelo caráter nacional e abrangente, como a ausência do referente ao qual a questão se reporta em determinadas áreas<sup>5</sup>. Tais dificuldades na obtenção das respostas possivelmente ocasionaram tentativas de reformulação pelo inquiridor, tema do presente estudo.

Na seara da metodologia, no tocante aos questionários linguísticos e à dificuldade de obtenção de respostas, Pontes e Aguilera (1999) demonstram, por meio de entrevistas-teste, a relação entre as abstenções e o desconhecimento quanto a referentes rurais, transparecida no vocabulário ativo dos falantes urbanos. Os pesquisadores concluíram que as principais dificuldades ocorreram em grupos dos termos dialetais relacionados ao conhecimento e visão de mundo do informante, desconhecimento de alguns itens lexicais presentes na formulação da questão, ou perguntas que necessitavam de informações complementares ou substituição de termos para desfazer ambiguidade.

## **ANÁLISE DO *CORPUS*: ESTRATÉGIAS PARA OBTENÇÃO DE RESPOSTAS EM INQUÉRITOS GEOLINGUÍSTICOS**

Os questionários do Projeto ALiB, que compõem o único instrumento de coleta de dados para ser aplicado em todo o território nacional, tornam imperativas, por vezes, algumas adaptações na reformulação das perguntas, em busca da obtenção da resposta específica.

Para Pontes e Aguilera (1999, p. 243), importam, na reformulação das questões, a experiência do entrevistador, a consideração das peculiaridades regionais, a sensibilidade da equipe em intuir o conhecimento de mundo de cada informante, bem como a busca por alternativas capazes de diminuir a distância entre investigador e informante nessa relação assimétrica.

---

<sup>5</sup> Mota (2006) ilustra sua afirmação a partir dos seguintes exemplos: *geleia* (QSL, questão 177) em algumas localidades da Bahia, de Sergipe e Alagoas – constatação reforçada por Yida (2011); *cangalha*, *canga*, *bruaca* e *mocho(a)* (QSL, questões 55, 56, 58, 78 e 79, respectivamente) nas áreas urbanas, pelo desconhecimento de mundo; *ovelha* (QFF, questão 41) em localidades onde inexistente esse tipo de criação; além de *soca* (QSL, questão 47) em locais onde não existem lavouras de arroz ou fumo.

Desse modo, elencamos a descrição e a análise das reformulações nas entrevistas realizadas no Centro-Oeste – nas capitais Cuiabá-MT, Campo Grande-MS e Goiânia-GO –, para, posteriormente, examinarmos as entrevistas que ocorreram nas capitais da Região Sudeste – São Paulo-SP, Belo Horizonte-MG, Rio de Janeiro-RJ e Vitória-ES.

### ***Estratégias para Obtenção de Respostas: inquéritos nas capitais da Região Centro-Oeste***

Em entrevistas realizadas nas capitais da Região Centro-Oeste, o índice de respostas válidas para a pergunta 054 do QFF foi bem elevado, com apenas uma abstenção – pelo informante 7, cuiabano, do sexo masculino, da faixa etária II e nível superior de escolaridade. O referido informante insiste em responder brucelose (bacteriana), mesmo na retomada, mas demonstra ter certo conhecimento da doença (aftosa) por comentar que, na verdade, ela é transmitida por vírus, sem, contudo, registrar a variante esperada para a questão.

O Quadro 2 mostra as questões em que houve a reformulação da pergunta pelo inquiridor, em números absolutos e porcentagem, nos inquéritos realizados em cada capital da Região Centro-Oeste em 2001, 2003, 2004 e 2005.

**Quadro 2** – Relação das perguntas reformuladas em inquéritos nas capitais do Centro-Oeste (questão 054 – *aftosa*)

Ponto	Localidade	Estado	Perguntas reformuladas	
			NA <sup>6</sup>	% <sup>7</sup>
108	Cuiabá	MT	3	37,5
115	Campo Grande	MS	4	50
123	Goiânia	GO	1	12,5
<b>TOTAL</b>			<b>8</b>	<b>33,4%</b>

Fonte: As próprias autoras, com dados do Projeto ALiB.

No total de 24 entrevistas (8 por capital), foram realizadas pelo inquiridor oito reformulações da questão inicial que consta dos questionários (COMITÉ..., 2001), totalizando aproximadamente 33,4% de reformulações para a questão. Especificamente por capital, em Campo Grande houve a maior quantidade de reformulações nos inquéritos da região, com 50% de reformulações para a questão nas entrevistas, enquanto em Goiânia foi registrado um índice de apenas 12,5%.

<sup>6</sup> Número absoluto.

<sup>7</sup> Porcentagem.

Cabe destacar que a ocupação humana nessa região teve efetivação com a mineração e, após sua decadência, passou-se ao cultivo de erva-mate, gado e agricultura familiar, de acordo com Diégues Jr. (1980). Não obstante a mudança do perfil econômico alicerçado na pecuária e produção de grãos para o desenvolvimento de industrialização ocorrida no Brasil desde o início do século XX, parece estar cristalizado nessa região um conhecimento voltado ao setor agropecuário, atestado nas respostas dos informantes e nas informações aproveitadas pelos inquiridores para reformular a questão 054 do QFF.

Ao analisar as estratégias empregadas pelos inquiridores na reelaboração das perguntas, notamos a recorrência a informações baseadas em um conhecimento de mundo voltado aos fatores políticos e econômicos. Tais estratégias focam no impedimento da exportação da carne bovina, por conta dos casos de febre aftosa nos bovinos da região, e nas medidas cautelares comumente tomadas pelo governo para a erradicação da enfermidade.

De fato, na América do Sul ressurgiram focos de febre aftosa na Argentina e Uruguai em 2000 e 2001<sup>8</sup>, resultando em grandes perdas econômicas. Pela proximidade da fronteira desses países com a Região Centro-Oeste, os criadores de gado precisaram redobrar esforços na prevenção do alastramento da doença. De posse desses dados, o inquiridor, ciente da história de vida do informante, recorria a essas informações somadas aos fatos a respeito da infância do informante ou voltava-se à experiência de vida de pessoas próximas a ele.

Como exemplos desse panorama geral traçado, temos a retomada da experiência de vida da informante 4, de Cuiabá, que relembra a infância e o nome da doença, falado pelo pai, e o diálogo demonstra a importância da atitude do inquiridor ao buscar conhecer a história do informante, retomando-a durante a entrevista, como elemento mnemônico:

INQ.<sup>9</sup>- Quando a senhora foi criada no sítio não tinha gado?

INF.- Tinha, meu pai tinha.

INQ.- E dava essa febre?

INF.- Dava uma febre, uma febre amare... fitosa, num sei com'é que eles falava e dava uma doença nos casco assim... [...]

(Informante 4, sexo feminino, faixa etária II, ensino fundamental - Cuiabá)

Somada à história de vida, na reformulação, também foram salientadas as campanhas de vacinação e o motivo econômico da exportação da carne:

---

<sup>8</sup> Conforme dados do *site* a respeito da febre aftosa em suínos e bovinos: <<https://bit.ly/2G8wgKd>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

<sup>9</sup> As siglas INQ e INF referem-se aos turnos conversacionais do inquiridor e informante, respectivamente.

INQ.- E aquela, já que estamos falando em fazenda, aquela doença que dá no gado, em geral na boca?

INF.- Que dá na boca?

INQ.- Do gado... Que tem aquelas campanhas de vacinação, que até atrapalha a exportação da...

INF.- Eu sei que é a... febre aftosa né?

(Informante 5, sexo masculino, faixa I, ensino superior - Cuiabá)

Selecionamos também a entrevista com a informante 2, de Campo Grande, na qual o inquiridor remete a um acontecimento televisionado naquela época, referente a um conhecimento de mundo próximo ao da informante:

INQ.- Já que estamos falando em fazenda, aquela doença que dá no gado, na boca. De vez em quando tem campanha de vacinação. Aqui em Mato Grosso do Sul, às vezes a televisão fala muito que os fazendeiros vão...

INF.- Afetó, afetosa, né?

INQ.- Vacina aqui e lá no Paraguai, né?

INF.- É, afetosa.

(Informante 2, sexo feminino, faixa I, ensino fundamental – Campo Grande)

Observa-se que o fato da pecuária e da exportação de carne terem um peso imprescindível na economia regional torna essa informação preciosa como estratégia para auxiliar o inquiridor nas reformulações da questão 054.

Na entrevista com o informante 5, goiano, a inquiridora cria com ele uma relação simétrica. Ao final, ele acaba revelando conhecer a questão fronteiriça e a realidade sul-mato-grossense no combate a essa zoonose.

INQ.- E aquela doença que normalmente dá no gado, na boca?

INF.- Na boca?

INQ.- É. Às vezes tem, dá febre, inclusive nós tivemos que erradicar...

INF.- Febre aftosa?

INQ.- ... Erradicar isso né? Pra exportar nossa carne...

INF.- Pu, por aqui tá, é, o problema é do seu Estado lá, do Mato Grosso do Sul.

INQ.- É, principalmente...

INF.- Fronteira com o Paraguai.

INQ.- Com Paraguai que não tem o controle, né?

INF.- É.

(Informante 5, sexo masculino, faixa I, ensino superior – Goiânia)

Segundo o informante, o problema da febre aftosa é recorrente na Região Centro-Oeste, principalmente em Mato Grosso do Sul. A inquiridora lança mão da informação a respeito do esforço na erradicação dessa doença e do impacto nas exportações. Efetivamente, em reportagem do *site Agrolink*,<sup>10</sup> foi abordado o impacto do surto de febre aftosa de 2005 nas exportações do Paraná e de Mato Grosso do Sul.

O apelo ao fator econômico constitui uma estratégia eficaz nos inquéritos realizados na Região Centro-Oeste, tendo em vista a importância atribuída pela mídia às exportações da carne bovina em relação à movimentação financeira regional e até nacional. Diégues Jr. (1980, p. 182) corrobora esse entendimento, afirmando que “diversidade de motivo econômico” contribui para a “regionalização da linguagem” e faz transparecer as “peculiaridades locais”. Assim sendo, o conhecimento da variante aftosa e sua inserção no vocabulário ativo dos falantes atestam a força do fator agropecuário determinante do conhecimento circunstanciado.

### ***Estratégias para Obtenção de Respostas: inquéritos das capitais da Região Sudeste***

Nos inquéritos das capitais da Região Sudeste, ao contrário dos realizados nas capitais da Região Centro-Oeste, ocorreram algumas lacunas nas respostas, mesmo com as tentativas de reformulação ora descritas. Vale mencionar que essas entrevistas foram realizadas em 2001 (apenas uma em São Paulo), 2004, 2005 e 2006, ou seja, depois da maioria das entrevistas efetivadas nas capitais do Centro-Oeste.

O Quadro 3 reúne a quantidade de perguntas reformuladas por capital, em números absolutos e porcentagem.

**Quadro 3** – Relação das perguntas reformuladas em inquéritos nas capitais do Sudeste (questão 054 – *aftosa*)

Ponto	Localidade	Estado	Perguntas reformuladas	
			NA	%
138	Belo Horizonte	MG	5	62,5
179	São Paulo	SP	4	50
190	Vitória	ES	5	62,5
202	Rio de Janeiro	RJ	5	62,5
<b>TOTAL</b>			<b>19</b>	<b>59,4%</b>

Fonte: As próprias autoras, com dados do Projeto ALiB.

<sup>10</sup> Disponível em: <<https://bit.ly/2I821t4>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

No cômputo geral, foram realizadas 32 entrevistas (8 por localidade), registrando um total de 19 reformulações (59,4%). Em São Paulo, na metade das entrevistas houve a necessidade de reformulações à questão, enquanto em Belo Horizonte, em Vitória e no Rio de Janeiro<sup>11</sup>, houve 62,5% de índice de reformulação para a pergunta.

De acordo com Diégues Jr. (1980), no século XIX, a cultura do café contribuiu para a expansão da ocupação humana no Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, adentrando região onde atualmente se situa o Paraná. Houve grandes transformações com a introdução de trabalho escravo e, posteriormente, da mão de obra dos imigrantes. Soma-se a esse quadro a introdução da criação de gado e o surgimento da industrialização, impulsionando o grande desenvolvimento econômico da região na chamada faixa urbano-industrial, segundo a classificação do referido autor. O Rio de Janeiro, na condição de capital do Brasil entre 1763 e 1960, recebeu a Corte Real em 1807, bem como investimentos em infraestrutura pelos traficantes de escravos, constituindo-se um grande centro moderno e industrial (FAUSTO, 2013).

De fato, algumas afirmações dos informantes reforçam esse panorama histórico-econômico da formação regional, como a demonstração do desconhecimento quanto às denominações pertencentes ao léxico do meio rural, como na fala da informante 2, de Belo Horizonte, na primeira reformulação, durante o QFF<sup>12</sup>:

INQ.- Tem uma doença que geralmente dá no gado, todo ano eles têm que vacinar. É uma febre que dá. Você já ouviu falar dessa doença?

INF.- Hum... Eu já ouvi falar, mas eu não tô lembrando.

INQ.- É porque não faz parte da vida da gente, né?

INF.- Não, não faz, isso.

INQ.- Principalmente pra quem mora na cidade, não tem.

INF.- Aham.

(Informante 2 – sexo feminino, faixa I, ensino fundamental – Belo Horizonte)

Ao examinar os trechos de entrevistas, observamos que os inquiridores buscam resgatar o conhecimento de mundo dos informantes a respeito do surto em Mato Grosso do Sul, divulgado pela mídia. Essa estratégia foi empregada nas entrevistas realizadas em Belo Horizonte (informantes 1 e 3 com retomada, mas não resposta; informante 6 sem obtenção de resposta; e informante 8 com obtenção de resposta) e Vitória (informantes 5 e 6, resposta obtida). Os trechos da entrevista da informante 8, belo-horizontina, e da informante 6, capixaba, confirmam as tentativas de elicitación das respostas:

---

<sup>11</sup> Chamou-nos a atenção os inquéritos no Rio de Janeiro, com 50% de não respostas. Em Belo Horizonte, houve duas abstenções, embora houvesse a reformulação; o mesmo quadro repetiu-se nas entrevistas em São Paulo e no Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> O inquiridor insistiu na pergunta durante a retomada ao final da entrevista e obteve a resposta.



INQ.- Tem uma doença que dá no gado e todo ano tem que vacinar. Apareceu na televisão, aquela febre, né? Uma febre que até prejudicou bastante a pecuária do Brasil.

INF.- O que tá prejudicando mesmo é minha memória. ((risadas)) Ai, a gente esquece muito!

INQ.- Mas também quem ia esperar uma pergunta dessas?

INF.- Febre aftosa? [...]

(Informante 8, sexo feminino, faixa II, ensino superior, Belo Horizonte)

INF.- Uma doença que geralmente dá no gado, que dá no gado aliás, que dá meio na boca e se um for infectado, tem que isolar, matar, porque senão ele passa pra todos os outros. Dá uma febre.

INF.- Nossa, agora cê me pegou hein?

INQ.- É. Nesses tempos deu lá no Mato Grosso...

INF.- Febre aftosa?

(Informante 6, sexo feminino, faixa I, ensino superior – Vitória)

Reforçamos que as entrevistas realizadas em Belo Horizonte e Vitória foram gravadas em 2006, depois do grande surto de febre aftosa no Mato Grosso do Sul. É importante, portanto, quando se trabalha com uma equipe grande de inquiridores, fazer o realinhamento da formulação das perguntas para, com a soma de experiências, o empreendimento da pesquisa geolinguística tornar-se mais produtivo.

Em algumas entrevistas, os inquiridores destacaram a intensa campanha de vacinação e a sua veiculação na mídia, como nos inquéritos dos informantes 2 e 5, paulistanos, e das informantes 2 e 4 e 8, capixabas. O excerto a seguir mostra o diálogo entre o entrevistador e o informante 5 de São Paulo:

INQ.- Uma doença que dá no gado, em geral na boca, que dá febre, tem que vacinar todo ano?

INF.- Não sei.

INQ.- Não? Depois eu volto, e talvez até você tenha ouvido falar na televisão, né, na Campanha da Vacinação, ou então a erradicação dessa doença no Brasil.

INF.- Febre aftosa?

INQ.- Isso. Já nem vou marcar. Eu ia marcar. Não vou.

(Informante 5, sexo masculino, faixa I, ensino superior – São Paulo)

Em outras entrevistas, a estratégia empregada pelo inquiridor é a de trazer à lembrança a denominação dada à zoonose em pauta, por sua recorrência em determinados períodos do ano nos noticiários, sem buscar uma notícia específica, como nos trechos das entrevistas

com os informantes 2 e 3 (sem obtenção de resposta), 4 (com resposta registrada na retomada) e 6 (com resposta obtida):

INQ.- Tem o nome de uma febre que dá no gado e que se manifesta assim em geral na boca, você sabe o nome? E se não separar o gado ((inint.)) teve até uma época que se falava muito nesse tipo de coisa...

INF.- Febre aftosa, não?

INQ.- É, isso mesmo. Como é que chama?

INF.- Aftosa.

(Informante 6, sexo feminino, faixa I, ensino superior - Rio de Janeiro)

Finalmente, outra estratégia empregada pelos inquiridores nas entrevistas das capitais do Sudeste é a de reformular a questão de modo que o informante registre as formas linguísticas *af[i]ta* ou *af[e]ta* em *afta*, posto que o fenômeno em pauta é a epêntese da vogal e o contexto é similar em *afta* e em *aftosa*. Dentre os exemplos, elencamos os trechos das entrevistas com o informante 5, paulistano, e a informante 8, carioca. No primeiro, o inquiridor instiga o informante a registrar a forma *afta*; no segundo, o auxiliar intervém na entrevista, levando o informante a correlacionar os vocábulos:

INQ.- Tem uma doença que dá no gado que deixa a boca assim do gado espumando...

INF.- Raiva?

INQ.- Raiva dá em cachorro, né, então, mas essa dá no gado, só no gado e tem que ficar vacinando ele sempre, tem sempre campanha na televisão.

INF.- Ai, eu num sei.

INQ.- Às vezes a carne ela não pode ser exportada...

INF.- Que aquela doença da vaca louca?

INQ.- Tem essa também.

INF.- Tem essa também, não sei, só sei que o meu vô dava vacina.

INQ.- Dava vacina, isso, é essa mesmo.

INF.- Dava vacina, mas eu não sei.

INQ.- Você não sabe... às vezes também na boca agora de gente tá, dá uma bolinha branquinha que arde...

INF.- Afta.

INQ.- Isso, você tem afta?

INF.- Faz tempo que eu não tenho, mas se eu comer alguma coisa ácida.

INQ.- Abacaxi, ai! [...]

(Informante 5, sexo masculino, faixa I, ensino superior – São Paulo)

- INQ.- O nome de uma doença que dá no gado, em geral na boca assim, uma doença que dá uma febre. Geralmente a gente fala febre e diz o nome dessa febre junto. Tem umas épocas em que se fala muito disso.
- INF.- É... Tem agora é... A palavra não me vem à cabeça, mas tá muito ((inint.)).
- INQ.- Você deve estar sabendo, porque você escuta tudo.
- INF.- É... Tem, tem sim.
- INQ.- Você deve saber se está na época ou não. Tudo bem, têm umas coisas que a gente pode voltar.
- AUX<sup>13</sup>.- Até que lembra aquilo que a gente tem na boca às vezes...
- INF.- Aftosa?
- INQ.- Ah... Isso mesmo! Será que tem alguma coisa a ver com isso?
- INF.- Não, eu acho que tem a ver com algo na alimentação.
- INQ.- É?
- INF.- É.

(Informante 8, sexo feminino, faixa II, ensino superior - Rio de Janeiro)

Ainda no trecho transcrito da fala da informante 8, carioca, o inquiridor sugere novamente, além da primeira formulação, a expressão “febre”, para trazer à memória do informante a outra palavra que geralmente é amalgamada a ela, por justaposição, formando, no caso, /febriaftosa/.

Consoante Pontes e Aguilera (1999), nos inquéritos experimentais foram constatadas dificuldades no registro da forma linguística *afta* pelos falantes, devido à possibilidade de ser substituída por outra variante regional, principalmente por indivíduos oriundos de zonas rurais: “A pergunta 48, ‘Como se chama aquilo que aparece na boca das pessoas, aqui dentro [mostrar] que dói, incomoda?’ não suscitou a resposta ‘afta’, porque na zona rural existem outras denominações como boqueira, ferida para a afta” (PONTES; AGUILERA, 1999, p. 242). Dada essa experiência, concluímos ser melhor não aceitar a variante *afta* cujo acento tônico recai na sílaba inicial enquanto em *aftosa* o acento recai na segunda sílaba, o que também poderia enviesar a análise.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e considerando que os questionários do ALiB compõem um mesmo instrumento de coleta de dados a ser aplicado em todo o Brasil, concluímos que são necessárias algumas adaptações na reformulação das perguntas em busca da obtenção de respostas específicas.

---

<sup>13</sup> A sigla AUX diz respeito ao turno conversacional do auxiliar do inquiridor. O Comitê do Projeto ALiB recomenda que as entrevistas do projeto sejam realizadas por um inquiridor e um auxiliar.

Em um panorama geral, para o êxito em inquéritos geolinguísticos, importa o conhecimento de mundo, tanto no que concerne ao inquiridor – em relação à realidade histórico-econômico-social da localidade em estudo –, quanto ao informante – que pode trazer a variante como parte do seu vocabulário ativo. Há que se reconhecer, portanto, que o informante às vezes não é capaz de buscar em sua memória a variante inscrita no *caput* da questão por não estar inserida no arcabouço lexical de seu cotidiano.

No caso da febre aftosa, tendo em conta seu impacto na balança de exportações de carne bovina retratada pelos meios de comunicação, é um estratagema importante para a obtenção dessa resposta a citação, pelo inquiridor, das informações noticiadas a respeito.

Ademais, é imperativa a conduta do inquiridor na busca do estabelecimento de uma relação simétrica com o informante, mostrando-se interessado por sua vivência e história de vida, informações essas empregadas como estratégias mnemônicas para fazer aflorar à mente a variante perscrutada.

Ao contrário de outras questões do QFF, a pergunta 054 (*aftosa*) não enseja o registro de parassinônimos pelo informante, conforme alertaram Aguilera e Yida (2008). O fato de se tratar de uma variante ligada à vida do campo e de estar relacionada a um problema sanitário enfrentado no Centro-Oeste do País pode ter contribuído para a maior facilidade de obtenção do registro pelos falantes da região. Diversamente, nas entrevistas realizadas na Região Sudeste, houve mais reformulações da questão, provavelmente por se tratar de um vocábulo específico da pecuária, realidade um pouco mais distante dos informantes, conforme reforçaram Pontes e Aguilera (1999).

Em um grupo grande de inquiridores, portanto, é significativa a troca de experiências de forma a aprimorar o *modus faciendi* da pesquisa, levando a efeito um trabalho coeso e bem-sucedido. Nada impede, todavia, a realização de ajustes no momento da entrevista *in loco*, durante a recolha dos dados empíricos. De qualquer maneira, o questionário ideal, conforme admite Gillierón, somente é atingido ao final de toda a pesquisa: “Le questionnaire pour être sensiblement meilleur, aurait dû être fait après l’enquête” (POP, 1950, p. 120).

## Referências

AGUILERA, V. de A. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, V. de A.; FIGUEIREDO, M. B. T. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 5, p. 9-47, dez. 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2KQINpj>>.

AGUILERA, V. de A.; YIDA, V. Projeto ALiB: uma análise das respostas e das não-respostas de informantes das capitais. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 11, n. 2, p. 15-31, dez. 2008. Disponível em: <<https://bit.ly/2rADmlN>>.

- AGUILERA, V. de A.; AMÂNCIO, R. G.; PAES, G. M. C. O conhecimento de mundo e a produção lexical na pesquisa geolinguística. In: SEMINÁRIO DO CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO PARANÁ, 16., 2003, Londrina. *Anais...* Londrina: Eletrônica, 2003.
- ARAGÃO, M. do S. S. de; MENEZES, C. P. B. de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba, 1984.
- BRANDÃO, S. F. *A Geografia Lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Introdução. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, S. A. M. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Cartas linguísticas 1. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.
- CASTILHO, A. T. de. Rumos da dialetologia portuguesa. *Alfa*, n. 18/19, p. 115-153, 1972-1973.
- COLLISCHONN, G. Epêntese vocálica e restrições de acento no português do Sul do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 61-78, 2004. Disponível em: <<https://bit.ly/2I9NI7i>>.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.
- COSERIU, E. A geografia lingüística. In: COSERIU, E. *O homem e sua linguagem*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 79-116.
- COUTINHO, I. de L. *Pontos de gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- CULLER, J. *As idéias de Saussure*. Tradução Carlos Alberto da Fonseca. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DIÉGUES JR., M. *Etnias e culturas no Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.
- FAUSTO, B. *História do Brasil*. 14. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. A. M. *A Dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FERREIRA, C. et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1987.

FERREIRA, M. B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialetológica. In: FARIA, I. H. et al. *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.

GHOLMIE, M. R. S. O suarabácti no Brasil dos séculos XVII, XVIII e XIX – uma reflexão a partir dos *corpora* do LHisPB. *Revista da ABRALIN*, v. 16, n. 3, p. 485-502, jan./abr. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2I8pCK1>>.

KAMI, J. G. da S.; AGUILERA, V. de A. Para um Atlas Lingüístico do Brasil: a construção dos questionários. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 51., 2002, São Paulo. *Anais...* São Paulo: GEL, 2002. Disponível em: <<https://bit.ly/2IAT5eW>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEE, S.-H. Epêntese no português. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 41., 1993, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: Instituição Moura Lacerda, 1993. p. 847-854.

MOTA, J. Reflexões sobre a arte de fazer inquéritos lingüísticos. In: MOTA, J.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 239-259.

MOTA, J.; CARDOSO, S. A. M. A construção de um Atlas Lingüístico do Brasil: o percurso do ALiB. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 237-256, jul. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2KUuIY3>>. Acesso em : 20 jun. 2017.

PONTES, I.; AGUILERA, V. de A. Questionário geolingüístico: uma proposta de reorientação metodológica. *Estudos Lingüísticos*, Bauru, v. 28, p. 238-244, 1999.

POP, S. *La dialectologie: aperçu historique et méthodes d'enquêtes linguistiques*. Louvain: Université Catholique de Louvain, 1950. Disponível em: <<https://bit.ly/2wyGxjB>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.

RODRÍGUEZ, A. M. Breve histórico da Geografia Lingüística. *Philologus*, Rio de Janeiro, a. 4, n. 10. p. 42-53, 1998.

ROSSI, N.; ISENSEE, D.; FERREIRA, C. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, G. A. da; AGUILERA, V. de A. Os atlas linguísticos brasileiros e o inquiridor: em busca de uma metodologia adequada. *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 317-341, jul. 2009. Disponível em: <<https://bit.ly/2KW0Omg>>.

SILVA NETO, S. da. *Guia para estudos dialetológicos*. Belém: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, 1957.

SILVA NETO, S. da. *Língua, cultura e civilização*. São Paulo: Acadêmica, 1960.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.

THUN, H. La géographie linguistique romane à la fin du XXe siècle. In: ENGLEBERT, A. et al. *Actes do XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Bruxelas: Max Niemeyer Verlag, 1998.

YIDA, V. *O campo semântico da Alimentação e Cozinha no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB): um estudo lexical nas capitais*. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <<https://bit.ly/2rATZ1c>>.